

GUERRA NA UCRÂNIA: SINTOMA DE UM OCIDENTE DOENTE

Por Yann Marquand*



O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky (Associated Press).

No final da Guerra Fria, o Ocidente se deixou levar pela embriaguez da vitória de 1991, submergindo 30 anos em uma patologia egoísta, fechado em si mesmo e sem bússola.

Alguns observadores saudaram e ainda acolhem com satisfação a condenação (quase) universal da agressão russa pela resolução da ONU de 2 de março de 2022. A Rússia ficaria sozinha, acompanhada por cinco pequenos votos e 35 abstenções contra 141 Estados a favor da resolução de um grupo de 193 membros. Mas a realidade política não está obviamente nesta votação não vinculativa da Assembleia Geral das Nações Unidas. Para além dos símbolos e das belas intenções que nos deixam suspensos no éter inebriante da superficialidade, a realidade, verdadeira, dura e angular, deve ser analisada nas profundezas da materialidade através do prisma das sanções econômicas. Mas qual é a nova carta a esse propósito? É carta de um Ocidente que se encontra sozinho, acompanhado pela Coreia do Sul, Singapura, Taiwan e Japão.

A guerra econômica, em particular ao excluir os bancos russos da plataforma de mensagens financeiras SWIFT, por instigação dos Estados Unidos, com a conformidade da Eurolândia, iria acabar com a Rússia, reduzindo-a a um estado em ruínas. Esta intenção, declarada descaradamente imediatamente após a invasão russa, entre outros pelos ministros franceses Jean-Yves Le Drian e Bruno Lemaire, pareceu-nos então mais uma comunicação entusiástica e belicista do que realismo econômico.

Como imaginar que o maior país do globo (nove fusos horários), repleto de recursos essenciais (trigo, fertilizantes, urânio enriquecido, petróleo, gás), com tecnologia nuclear, militar e espacial de ponta que é exportada, sob a influência das sanções desde 2014 e, portanto, preparada para o possível agravamento das mesmas, se encontraria asfixiada, incapaz de negociar com o resto do mundo? Como não imaginar, ao contrário, que tais sanções não seriam o acelerador de um movimento fundamental que vem ocorrendo há uma boa década, o estabelecimento de um sistema financeiro alternativo que escaparia à dolarização do sistema financeiro internacional?

No entanto, como observa Alexis Collomb: *“Na sequência das ameaças de 2014 após a invasão da Crimeia, Moscou lançou um sistema de transferência de mensagens financeiras (SPFS) e tomou medidas para afirmar ainda mais a sua autonomia financeira. Assim, no domínio dos cartões de pagamento, na sequência do congelamento da utilização das redes Visa e Mastercard em solo russo, foi criado o cartão de crédito Mir.”*¹ Além disso, o autor acrescenta: *“As sanções destinadas a excluir a maioria dos principais bancos internacionais russos do SWIFT fazem parte de uma estratégia de isolamento econômico, financeiro e tecnológico da Rússia do mundo ocidental. Deveriam ajudar a estabelecer uma ‘cortina de ferro financeira’, não entre a Rússia e o resto do mundo, mas entre a Rússia e o Ocidente.”*²

Portanto, não é tanto a Rússia que sofrerá com esta tentativa de isolamento, mas é a Europa que sofre com sua própria política. Depois da crise do subprime de 2008, da crise sanitária de 2020 e, finalmente, das sanções à energia russa, o “custe o que custar” jupiteriano corre o risco de ser realmente muito caro e a Europa se prepara para um futuro bastante sombrio. Acrescentemos as palavras de Jean de Glinasty: *“Com o mercado russo, é um importante campo de desenvolvimento econômico que a União Europeia perderá nas próximas décadas. Seu crescimento e prosperidade deverão ser afetados.”*³ As previsões do FMI também são vantajosas para a Rússia para 2024. As economias europeias parecem ter batido em um muro: aumentar as taxas de juros para combater a inflação torna a dívida dos Estados insustentável; injetar mais auxílios é alimentar a espiral inflacionária. Qual poderia ser a nova solução em tal situação? Que nova surpresa nos reservam os comissários e outros tecnocratas da Eurolândia?

Como diz justamente George-Henri Soutou⁴, a Europa se colocou em uma dependência fundamentalmente contraditória: dos Estados Unidos para a sua segurança militar e, desde a década de 2000⁵, em relação à Rússia para a sua segurança energética. No capítulo militar, como vimos, esta alienação europeia começou com a fundação da OTAN (1949), que a Europa Ocidental desejava.

¹ Collomb, Alexis. *“SWIFT: de la neutralité à l’arme géopolitique?”*, *Politique étrangère*, vol., n.3, 2022, pp. 46-47.

² *Ibid.*, p. 47

³ de Glinasty, Jean. *“L’Europe victime collatérale de l’invasion de l’Ukraine par la Russie?”*, *Revue Défense Nationale*, vol. 850, n° 5, 2022, p. 18.

⁴ Soutou, Georges-Henri. *“Non, la crise ukrainienne n’est pas un retour à la guerre froide, mais c’est toujours un conflit Est-Ouest”*, *Revue Défense Nationale*, vol. 849, n° 4, 2022, p. 10.

⁵ Grekou, Carl, et al. *“La dépendance de l’Europe au gaz russe: état des lieux et perspectives”*, *Revue d’économie financière*, vol. 147, n° 3, 2022, p. 228.

Hubert Védrine, visitando o Club 44 em La Chaux-de-Fonds, na Suíça⁶, confirma este persistente desejo europeu, especialmente entre os recém-chegados do Leste, de estar sob a proteção americana. E se as recentes decisões de aumento dos orçamentos militares continentais refutam muito parcialmente esta tese, George-Henri Soutou defende que *“apesar dos 100 bilhões injetados este ano, o rearmamento alemão levará muito tempo para se traduzir em realidade, tal como o de outros países europeus, em grande parte desmilitarizados desde o fim da Guerra Fria”*⁷.

A Europa entretanto escolheu Washington que, por sua vez, desejando quebrar a dependência europeia do gás russo, iniciou sanções radicais com a zelosa aprovação da Comissão Europeia que sacrifica assim sua capacidade industrial e, portanto, sua economia. Isto é o que razoavelmente nos leva a acreditar, de acordo com a tese de Seymour Hersh, que os Estados Unidos são os patrocinadores da sabotagem dos gasodutos Nord Stream 1 e 2. Evidentemente este tipo de hipótese, que deve ser mantida em segredo, só pode desagradar a certas chancelarias europeias – especialmente a alemã – que se sentiriam fundamentalmente enganadas pelo seu “protetor”. Um “protetor” que pode se orgulhar de realizar uma operação lucrativa.

A este respeito, Hélène Richard relata as palavras da ministra Le Maire: *“O conflito na Ucrânia não deve terminar com a dominação econômica americana e com o enfraquecimento da União, parece ter descoberto tardiamente o ministro da Economia francês, Bruno Le Maire, diante da Assembleia Nacional. Não podemos aceitar que nosso parceiro americano venda seu GNL por quatro vezes o preço a que o vende para suas indústrias.”*⁸

Neste mal-estar diplomático relativo à sabotagem dos gasodutos onde ninguém se engana mas todos se calam, a investigação ainda em andamento revela, em 8 de março de 2023, de forma nada séria, uma pista ucraniana, imediatamente rejeitada pelo governo de Kiev. Recordemos, no que diz respeito ao gás russo, a forte oposição já expressada por Obama e de forma estrondosa pelo seu sucessor Trump, que ameaçou sancionar a Alemanha. Segundo a correspondente Johanna Luysen⁹, Trump acusou a Alemanha de ser “completamente controlada pela Rússia”, usando mesmo o termo “prisoneira”. A Alemanha, considerou ele, *“paga bilhões de dólares à Rússia pelo fornecimento de energia e nós devemos pagar para protegê-la contra a Rússia. Como explicar isso? Não é justo”*.

Lembremos também que Trump queria desligar os Estados Unidos da OTAN ou pelo menos “compartilhar melhor o fardo” desta organização “obsoleta”. Esta crise valeu-nos o diagnóstico realista de Macron a 7 de novembro de 2019 em uma entrevista ao *The Economist*: *“Não há coordenação da decisão estratégica dos Estados Unidos com os parceiros da OTAN e estamos assistindo a uma agressão*

⁶ Védrine, Hubert, *“Une remise en cause de la vision occidentale de la mondialisation? Une mondialisation fragmentée”*, Club 44, 25 octobre 2022.

⁷ Soutou, Georges-Henri. *“La grande rupture”*, *Stratégique*, vol. 129, n° 2, 2022, p. 28.

⁸ Hélène Richard, *“Des sanctions à double tranchant”*, *Le Monde diplomatique*, Mardi 1 novembre 2022, p.17.

⁹ https://www.liberation.fr/planete/2019/01/14/gazoduc-nord-stream-2-les-etats-unis-accentuent-la-pression-contre-l-allemande_1702787/.

levada a cabo por outro parceiro da OTAN, a Turquia, em uma área onde nossos interesses estão em jogo, sem coordenação.” Macron refere-se às Forças Democráticas Sírias, principalmente curdas, que constituíram uma verdadeira força de resistência contra o Daesh e que, no entanto, foram abandonadas pelos Estados Unidos de Trump em 2018 e atacadas unilateralmente pela Turquia de Erdogan. Além disso, o que aconteceria ao Artigo 5º em uma tal situação em que a Síria retaliasse contra a Turquia? Foi isto que nos rendeu a fórmula macroniana da “morte cerebral da OTAN”. Feita esta observação, o presidente francês apela a uma “defesa europeia” e deseja reabrir “um diálogo estratégico” com a Rússia. Apela à Europa para “um despertar, uma consciência desta situação e uma decisão de aproveitá-la”, sem o que “*o risco é grande, a longo prazo, de desaparecermos geopoliticamente, ou em todo caso, de não sermos mais os donos do nosso destino.*”

As decisões tomadas recentemente vão, portanto, contra este desejo: abandonar o gás russo e permanecer subserviente ao patrocinador americano, “seja qual for o custo”. O artigo de George-Henri Soutou, *La grande rupture*¹⁰, constrói uma análise que nos parece de bom senso, na qual encontramos a confirmação de muitas das nossas hipóteses. Estas poucas linhas resumem perfeitamente o desequilíbrio atual: *“Alguns anunciaram o rápido colapso econômico da Rússia. No entanto, foi o Ocidente e em particular a Europa que entrou em uma crise (inflação e falta de matérias-primas) causada em grande parte pela guerra e pelas sanções, mas que é também um novo episódio na perturbação da política ocidental que temos visto desde 2008, incluindo uma negligência considerável por parte dos Bancos Centrais.”*¹¹

O destino da Europa parece realmente estar decidido. E no seu seguimento, condenou a si própria em curto prazo: *“O desfecho final do conflito ainda é imprevisível, mas em qualquer cenário a União Europeia enfrentaria problemas energéticos e econômicos gigantescos.”*¹²

No entanto, os Estados Unidos não ficam de fora. E de fato analisamos esta guerra como um esforço desesperado dos Democratas americanos, herdeiros do messianismo neoconservador, para manter à tona seu imperialismo unipolar herdado do fim da Guerra Fria, um imperialismo que já terminou e está em declínio. Neste péssimo jogo de dobro ou nada, os americanos querem certamente travar uma batalha com a Rússia, reduzindo seu potencial econômico, desestabilizando o poder e criando assim uma grande crise política interna da qual poderiam colher dividendos. Mas por trás da Rússia, o alvo é o casal sino-russo e, portanto, em última análise, a China.

O que os Estados Unidos querem evitar a todo custo é o cenário que se constrói diante dos nossos olhos e que Soutou coloca nestes termos: *“É perfeitamente possível que uma nova constelação internacional surja: um conjunto ocidental em torno dos Estados Unidos contra um conjunto liderado pela China e Rússia, baseado em sistemas políticos, econômicos e de ‘valores’ muito diferentes. É mais complexo do que o slogan ocidental da luta das ‘democracias contra as autocracias’, o que é*

¹⁰ Soutou, G-H. “La grande rupture”, op. cit., pp. 11-30.

¹¹ Ibid., p. 14.

¹² Ibid., p. 29.

uma simplificação excessiva.”¹³ A Organização de Cooperação de Xangai (2001) e a do BRICS (2009) são manifestações claras de um desejo de reequilibrar as relações internacionais e romper com o unilateralismo americano. Note-se que três atores se sobrepõem nestas duas organizações e constituem um grande eixo geopolítico: Rússia, China e Índia.

Esta última resistência americana é confirmada pelo testemunho de Naftali Bennett, antigo primeiro-ministro israelense e mediador durante a primeira fase do conflito em março de 2022: *“Tive a impressão de que ambos [a Rússia e a Ucrânia] queriam um cessar-fogo”*, disse ele em uma entrevista ao canal israelense Channel 12 em 4 de fevereiro de 2023. As concessões estavam bem encaminhadas: Zelensky estava notavelmente pronto para renunciar à adesão da Ucrânia à OTAN e Putin desistiria de desmilitarizar a Ucrânia. Depois, os ocidentais, em especial o casal americano-britânico, interromperam as negociações de paz entre Kiev e Moscou: *“Eles bloquearam e eu achei que estavam errados”*, acrescenta.

Mas apesar desta implacabilidade beligerante do Ocidente, acreditamos mais uma vez que o movimento de gangorra já ocorreu e que o sintoma mais significativo deste próximo mundo é o questionamento fundamental da supremacia do dólar americano no sistema monetário internacional. Este diagnóstico nos é confirmado pelas palavras de Alexis Collomb: *“A dominação do dólar nas transações internacionais, baseada no poder econômico e militar dos Estados Unidos, parece incomodar cada vez mais, não apenas os grandes rivais chineses ou russos, mas também a Europa, onde o uso do dólar para fins políticos e a extraterritorialidade das sanções americanas são cada vez mais contestados.”*¹⁴

O dólar como moeda de referência foi coroado pela conferência de Bretton Woods em julho de 1944. Mas outro acontecimento parece ainda mais decisivo na implementação do império da moeda americana. Trata-se do pacto USS Quincy de 14 de fevereiro de 1945, entre o presidente Roosevelt e o rei Ibn Saud. Este acordo é muitas vezes resumido como: petróleo por proteção. Ou seja: em troca do monopólio da exploração petrolífera em toda a Arábia Saudita pela empresa Aramco (Arabian American Oil Company), os Estados Unidos garantem a proteção da família Saud. Na realidade, a garantia deste pacto vai ainda mais longe e resume-se a outra frase: petróleo contra dólar. Assim, os Estados Unidos têm a garantia de que o mercado global de energia será cotado e denominado em dólares, tal como todo o comércio internacional, o que faz do dólar a moeda de reserva universal. Este “Acordo de Quincy” foi renovado por 60 anos pela administração Bush em 2005.

Esta supremacia do dólar não é posta em causa pela decisão de 15 de agosto de 1971, que deu o toque de morte aos acordos de Bretton Woods, data em que os Estados Unidos, em meio à turbulência vietnamita, se libertaram da conversibilidade do dólar em ouro, o que permitiu desvalorizar a sua moeda e se endividar a um custo baixo. Por um truque silogístico, os americanos permitem-se viver de crédito porque: sua dívida é em dólares, mas o dólar é a moeda internacional, portanto sua dívida é internacional. Foi isto que fez John Connally,

¹³ *Ibid.*, p. 28.

¹⁴ Collomb, Alexis. “SWIFT: de la neutralité à l’arme géopolitique?”, *Politique étrangère*, vol., n°3, 2022, p. 48.

secretário do Tesouro americano na administração Nixon, dizer, dirigindo-se a uma delegação europeia: “O dólar é a nossa moeda, mas é problema seu.”

No entanto, esta dívida continuou a crescer ao longo dos anos até atingir níveis estratosféricos, gradualmente transformando este instrumento econômico em um dinheiro de mentira que, no entanto, continua a ser a moeda de referência. O artigo de Myret Zaky¹⁵, publicado em fevereiro de 2004, discute o desejo da OPEP de questionar um dólar desvalorizado em favor da nova moeda europeia. Em outubro de 2000, Saddam Hussein anunciou que pretendia faturar seu petróleo em euros. No entanto, como diz Myret Zaky, se, como pensa William Clark da Universidade John Hopkins, a intervenção americana de 2003 deve ser interpretada como uma continuação desta decisão do presidente iraquiano – que pagará por isso com a própria vida – podemos assumir que esta intervenção também visa acalmar o fogo pró-independência da OPEP.

Da mesma forma, em 2009, Kadhafi queria criar uma moeda pan-africana para substituir o dólar, o dinar-ouro, que permitiria a realização de transações de petróleo. Deve-se analisar a intervenção da OTAN em 2011 como parte dessa vontade? Expressam-se vozes neste sentido, em particular a de Alain Chouet¹⁶ que enumera os vários estados produtores de petróleo que tentaram sair da cotação do dólar e tiveram grandes problemas com os EUA: Venezuela, Nigéria, Angola, Irã e, claro, Iraque e Líbia, mas também a Rússia. Não é bom atacar o dólar americano que, como diz Alexis Collomb, consolida o seu domínio com seu poder militar.

Um sinal de que os tempos estão mudando, no entanto, é que o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman (MBS), está claramente se distanciando do padrinho americano depois de 80 anos de estreita colaboração – apesar da crise de 1973. Biden não mediu palavras durante sua campanha presidencial, prometendo tratar MBS como um “pária”. O príncipe é de fato suspeito pelos serviços de inteligência americanos de ser o mandante do assassinato e esquartejamento de Khashoggi em outubro de 2018 no consulado do Reino em Istambul. Mas se você pensar bem, depois do evento de 24 de fevereiro de 2022, que nos preocupa, o novo inquilino da Casa Branca está pronto para abandonar seu moralismo e dar meia-volta para convencer MBS a atacar as finanças russas e suas receitas de hidrocarbonetos, especialmente porque a Rússia é parceira da OPEP+.

No entanto, de acordo com um artigo do *Wall Street Journal* de 8 de março de 2022, MBS e seu vizinho Mohammed bin Zayed (MBZ), presidente dos Emirados Árabes Unidos, não se dignam a responder aos apelos do presidente Biden. Sem desanimar, o antigo presidente pegou seu cajado de peregrino e voou para Riad em meados de julho, não sem críticas da imprensa americana e do seu próprio campo.

Recordemos que, a poucos meses das eleições de meio de mandato, o preço do petróleo está no seu máximo e trata-se de convencer MBS a aumentar a produção

¹⁵ Zaky, Miret, “Scénario catastrophe américain: et si le pétrole se payait en euros?”, *Le Temps*, 11 février 2004 <https://www.letemps.ch/economie/scenario-catastrophe-americain-petrole-se-payait-euros>.

¹⁶ Chouet, Alain, “Alain Chouet, 35 ans de DGSE, une pointe de diamant?”, *Thinkerview*, 18 mai 2022 <https://www.thinkerview.com/alain-chouet35-ans-de-dgse-une-pointe-de-diamant/>.

para reduzir a pressão inflacionária que pesa sobre o povo americano. Nada funciona. O jovem príncipe faz o que lhe quer e concorda com aquele demônio Putin em 5 de outubro, durante uma cúpula da OPEP, em reduzir a produção de petróleo em dois milhões de barris por dia, o que mantém os preços elevados e beneficia abundantemente o tesouro do Kremlin. O velho homem se irrita na *CNN* em 12 de outubro: “*Haverá consequências para o que fizeram com a Rússia.*” No dia 4 de dezembro, os membros da OPEP+, frente à evolução dos preços do petróleo, confirmaram sua decisão e mantiveram as quotas. Como medida de retaliação, o governo americano concedeu imunidade judiciária ao príncipe devido ao seu cargo. Com efeito, no final de setembro, por decreto real, MBS foi nomeado primeiro-ministro. A denúncia apresentada nos Estados Unidos contra ele pelo suposto crime de Khashoggi foi arquivada.

Mas o jovem encrenqueiro saudita não para por aí. O *Wall Street Journal* menciona em um artigo de 15 de março de 2022 as discussões entre a Arábia Saudita e a China com vistas ao comércio de petróleo em yuan. Em 17 de janeiro de 2023, no Fórum de Davos, o ministro das Finanças, Mohammed Al-Jadaan, disse à *Bloomberg* que o Reino está pronto para negociar com outras moedas além do dólar. Houve um tempo, não faz muito, em que uma tal afronta talvez tivesse terminado em derramamento de sangue ou pelo menos teria sido severamente repreendida. Mas os tempos estão mudando e os Estados Unidos já não gozam da mesma impunidade. Então, o que são as ameaças feitas por Biden? Que consequências isto poderá ter para MBS e para a Arábia Saudita?

Este reequilíbrio das forças geopolíticas que gradualmente põe uma trava na arrogância americana é previsto por Alexis Collomb relativamente ao sistema SWIFT: “*Em um mundo cada vez mais conflituoso, com a crescente ‘regionalização’, deveríamos, em última análise, ter tantas grandes infraestruturas de mensagens financeiras e pagamentos interbancários quanto zonas de influência, certamente interoperáveis entre si, mas autônomas na esfera geopolítica. Com o conflito na Ucrânia e a reconfiguração do comércio da Rússia com a China, a Índia ou outros parceiros asiáticos ou africanos, o desenvolvimento de alternativas regionais ao SWIFT parece inevitável, ao mesmo tempo em que um reequilíbrio do sistema financeiro mundial.*”¹⁷ Ora, o que se diz sobre o sistema de transações internacionais também pode ser dito sobre os meios de troca: as moedas.

Assim, ao tentar desligar a Rússia do sistema financeiro internacional, a fim de esgotar suas capacidades econômicas e militares, o Ocidente conseguiu unir o outro mundo em torno da Rússia e acelerar a sua própria degradação, com consequências indubitavelmente muito graves, mas difíceis de mensurar. A Europa, se ainda quiser existir, terá que repensar fundamentalmente sua estratégia política, militar e econômica, distanciando-se dos Estados Unidos. As futuras eleições presidenciais americanas com uma vitória republicana poderão ser uma oportunidade para iniciar este movimento.

Quanto ao dólar universal, o que podemos dizer sobre ele? A economia é uma questão de confiança. Certamente a moeda americana se baseia em uma economia que ainda hoje responde e num Exército poderoso. Mas a dívida astronômica do

¹⁷ Collomb, Alexis. “SWIFT: de la neutralité à l’arme géopolitique?”, *Politique étrangère*, vol. no. 3, 2022, p. 49.

seu tesouro aproveitou-se de forma imprudente da interdependência global da sua moeda. Na verdade, a moeda deles é “nosso problema” e a dívida americana é, de certa forma, nossa dívida. Mas o que aconteceria se o dólar americano sofresse uma crise de confiança? A China parece ter antecipado – ou criado – esta situação há vários anos e está se desvinculando significativamente ao vender suas obrigações do Tesouro dos EUA, uma dívida que é notavelmente recomprada pela Reserva Federal dos EUA. O ponto mais alto da propriedade chinesa da dívida pública dos EUA ocorreu em 2011¹⁸. Outro argumento que pode ser acrescentado a esse quadro, segundo Alexis Toulon, após as sanções de 2014, a Rússia obviamente aproximou-se da China e suas linhas de crédito. E conclui: “*De passagem, a China aproveita estas operações para contornar o dólar no comércio entre os dois países e fortalecer a posição do yuan como moeda internacional.*”¹⁹ Dívida faraônica do Tesouro americano, questionamento dos petrodólares, perda da supremacia da moeda americana no comércio internacional, os indícios do movimento de gangorra são perceptíveis.

Assim, como salienta Soutou²⁰: “*As novas realidades geopolíticas aparecem com mais clareza: a China e a Rússia estão definitivamente se aproximando, da Ásia à América Latina, passando pela África e pelo Oriente Médio, muitos países se recusam a condenar a Rússia.*” Ele acrescenta: “*A pretensão de Putin de construir um sistema internacional alternativo com a China e outros parceiros já não parece por si só irrealizável.*” Acrescentamos, de nossa parte, que este cenário parece inevitável. E de fato, em dois artigos, Émile Bouvier nos mostra, no contexto da guerra na Ucrânia, até que ponto os Estados Unidos estão perdendo terreno na região do Oriente Médio Oriente²¹, enquanto a Rússia está aprofundando sua influência iniciada em 2015 durante sua intervenção na Síria, a fim de salvaguardar o regime de Bashar al-Assad²². A partir de 2019, a diplomacia americana conseguiu de fato minar profundamente sua tradicional relação de confiança com esta região (Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Jordânia, Líbano). A Rússia, por seu lado, está forjando laços políticos e econômicos e assumindo o controle dos mercados, especialmente os militares, que eram domínio reservado dos americanos.

¹⁸ <https://www.letemps.ch/economie/finance/chine-japon-se-detournent-dette-americaine>.

https://www.lemonde.fr/economie/article/2019/05/29/pour-la-chine-l-arme-de-la-dette-americaine-reste-difficile-a-activer_5469079_3234.html.

http://french.china.org.cn/foreign/txt/2023-01/20/content_85070117.htm#:~:text=A%20ce%20jour%2C%20la%20Chine,plus%20faible%20depuis%20juin%202010.

¹⁹ Toulon, Alexis. “La Russie mise sur la Chine”, *Alternatives Économiques*, vol. 342, no. 1, 2015, p. 44.

²⁰ Soutou, G-H. “La grande rupture”, *op. cit.*, p. 27.

²¹ Bouvier, Émile, “La guerre en Ukraine, révélatrice de l’influence croissante de Moscou au Moyen-Orient (1/2): une perte de vitesse notable des États-Unis dans la région”, *Les clés du Moyen-Orient*, 18 mars 2022, <https://www.lesclesdumoyenorient.com/La-guerre-en-Ukraine-revelatrice-de-l-influence-croissante-de-Moscou-au-Moyen.html#nh17>.

²² Bouvier, Émile, “La guerre en Ukraine, révélatrice de l’influence croissante de Moscou au Moyen-Orient (2/2): une présence russe proteiforme”, *Les clés du Moyen-Orient*, 18 mars 2022, <https://www.lesclesdumoyenorient.com/La-guerre-en-Ukraine-revelatrice-de-l-influence-croissante-de-Moscou-au-Moyen-3502.html#nh27>.

A aproximação entre a Rússia e a China é óbvia e alguns observadores têm dificuldade em reconhecê-la. No entanto, havia muitos sinais que poderiam sugerir isso. Durante a videoconferência de 30 de dezembro de 2022, Putin e Xi Jinping discutem suas relações descritas pelo presidente russo como “as melhores da história”. Efeito propaganda, dizem os céticos. No entanto, no centro desta propaganda está a cooperação técnico-militar e o reforço da interação entre as forças armadas russas e chinesas, áreas que ocupam um lugar especial nesta cooperação bilateral. Trata-se de coordenar as ações de Moscou e Pequim na política internacional no âmbito do Conselho de Segurança das Nações Unidas, da Organização de Cooperação de Xangai, dos BRICS e do G20. Note-se também que o volume econômico anual de negócios mútuos atingiu um nível recorde de 180 bilhões de dólares e que neste ritmo o objetivo definido de 200 bilhões de dólares para 2024 será alcançado antes do previsto.

Anteriormente, em 29 de novembro de 2022, no 4º Fórum de Negócios Energéticos China-Rússia, Xi disse que “a China estava disposta a trabalhar com a Rússia para forjar uma parceria energética mais estreita”²³. Ele enfatiza que em um contexto internacional difícil que desafia o mundo, a cooperação sino-russa foi fortalecida com uma parceria estratégica abrangente que conduz os dois países a uma nova era. Concretamente, no que diz respeito à energia, em 2024 o início das obras do gasoduto Siberian Force 2, com capacidade de 50 bilhões de metros cúbicos por ano, completará o primeiro gasoduto ativo desde 2019. Além disso, em 25 de outubro de 2022, o jornal *Les Echos* menciona que desde o início da guerra na Ucrânia, as importações chinesas de energia da Rússia ultrapassaram os 50 bilhões de dólares. Fala-se também de cooperação na construção de centrais nucleares na China ou na produção de gás natural liquefeito no Ártico russo²⁴.

O último evento, a visita de Estado de Xi Jinping à Rússia de 20 a 22 de março de 2024, expõe claramente o princípio da realidade. Com efeito, nesta ocasião, os dois presidentes demonstraram uma unidade indiscutível e é interessante, a este respeito, ver seu intercâmbio no dia 20 de março e a exibição em palco perante a imprensa. Por trás do protocolo diplomático, vemos o caráter performático das declarações, notadamente quando Xi se dirige a Putin: “*Senhor presidente, sempre o chamo de meu querido amigo*”, ou ainda: “*é um prazer vir à Rússia em visita oficial a seu convite, após a minha reeleição como presidente. Este é o primeiro país estrangeiro que visitei. Eu escolhi a Rússia.*”

Durante esta visita²⁵, discutiu-se a conclusão dos acordos de gás, da proposta de paz chinesa formulada em 24 de fevereiro relativamente à guerra na Ucrânia – uma proposta à qual os Estados Unidos se recusaram a dar seguimento –, trata-se de segurança e o ativismo “preocupante” do Ocidente nas fronteiras russas e na região da Ásia-Pacífico, a guerra nuclear que “nunca deve ser desencadeada”, as atividades militares biológicas americanas levadas a cabo em seu território e fora dele e a implantação dos seus mísseis em diversas regiões do mundo, a fim de “manter uma vantagem militar unilateral”.

²³ <http://french.xinhuanet.com/20221129/c62d5b87417242b5b85c3ca71331723d/c.html>.

²⁴ <https://francais.rt.com/economie/102704-chine-entend-renforcer-son-partenariat-energetique-russie>.

²⁵ <https://francais.rt.com/international/104968-xi-jinping-moscou-chine-russie>.

Isto reflete a declaração de 30 de janeiro do porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês, Mao Ning: *“Se os Estados Unidos querem realmente um fim rápido para a crise e se preocupam com a vida do povo ucraniano, devem parar de enviar armas e lucrar com os combates. Os Estados Unidos devem agir de forma responsável, ajudando a acalmar a situação o mais rapidamente possível e a criar o ambiente e as condições necessárias para conversações de paz entre as partes envolvidas.”* Finalmente, último ponto que nos parece crucial, Putin defende o yuan como moeda de troca frente ao dólar: *“Apoiamos a utilização do yuan chinês nos pagamentos entre a Rússia e os países da Ásia, África e América Latina”*²⁶. Ele também observa que dois terços do comércio entre Moscou e Pequim são realizados em rublos e yuan, uma prática que deve ser mais encorajada.

Esta declaração foi apoiada em 29 de março pelo vice-presidente da Duma, Alexander Babakov, que acredita que uma nova relação financeira deve ser estabelecida entre a Índia, a Rússia e a China que não dependa do dólar e do euro²⁷. Nesse mesmo dia, a petrolífera russa Rosneft celebrou um acordo com a Indian Oil para aumentar a entrega de petróleo à Índia e diversificar suas qualidades. Em seu comunicado está estipulado que *“as partes discutiram a expansão da cooperação abrangente no setor energético entre empresas russas e indianas ao longo da cadeia tecnológica, bem como a possibilidade de liquidações mútuas em moedas nacionais”*²⁸. De acordo com o Ministério do Comércio indiano, em 2022, a Rússia é um dos cinco maiores parceiros comerciais da Índia, com um volume de comércio entre os dois países de 38,4 bilhões de dólares.

RUPTURA MULTIPOLAR OU A NOVA BIPOLARIZAÇÃO DO MUNDO?

Este ensaio reflexivo nos leva, portanto, à questão inicial da ruptura histórica do conflito na Ucrânia. Se esta guerra assumiu uma dimensão espetacular pelo seu carácter internacional, pela cobertura midiática que lhe é dada e pelas grandes questões que cristaliza, nos parece muito delicado afirmar que estamos diante de uma ruptura fundamental que, em uma comparação, colocaria este evento acima de todos os outros.

Para ver as coisas com mais clareza, procuremos fazer um breve resumo das datas que nos parecem decisivas e que podem constituir momentos de ruptura. Recordemos, em primeiro lugar, o discurso do presidente Putin, de 10 de fevereiro de 2007, durante a Conferência de Segurança de Munique, como um avanço intelectual que anuncia o futuro programa geopolítico da Rússia. A “primavera” síria de 2011 foi uma oportunidade para a Rússia e a China se oporem ao intervencionismo ocidental, utilizando seu direito de veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Vemos neste episódio uma ruptura política e o início de um questionamento da unipolaridade americana. Esta é a primeira vez

²⁶ <https://francais.rt.com/international/104977-poutine-soutient-dedollarisation-echanges-mondiaux>.

²⁷ <https://tass.com/economy/1596017>.

²⁸ <https://francais.rt.com/economie/105163-rosneft-indian-oil-signent-pour-augmenter-livraisons-brut-russe-inde>.

que os Estados Unidos enfrentam uma oposição decisiva desde o fim da Guerra Fria.

O Euromaidan precipita os acontecimentos e compele a Rússia a anexar a Crimeia em 2014, o que desencadeará o primeiro episódio de sanções ocidentais contra a economia russa. Por esta razão, analisamos este acontecimento crucial como uma ruptura econômica que empurra a Rússia a fazer uma mudança em direção ao mundo asiático, e geralmente em direção ao mundo não-ocidental. Não insistimos o suficiente no ano de 2015. Contudo, em 30 de setembro, a pedido de Bashar al-Assad, a Rússia interveio militarmente na Síria – que viveu sua “Primavera Árabe” – contra os vários exércitos salafistas e principalmente o Daesh. Esta operação russa consegue manter Assad no poder, empurra a Aliança Atlântica para a periferia desta “guerra mundial” e trava a ação geopolítica russa no Oriente Médio.

Ao contrário do devastador intervencionismo ocidental, causando o caos no Iraque (2003), na Líbia (2011), facilitando o surgimento do monstro Daesh com trágicas extensões na Síria (2011), aliado à ação terrorista na Europa, a Rússia é vista como um vetor de estabilização, como parceiro confiável e não-interferente. Pela primeira vez desde o fim da Guerra Fria, a Rússia intervém para além do perímetro ex-soviético, para além do seu “estrangeiro próximo” – pensamos na guerra de proximidade na Geórgia (2008) – e analisamos 2015 como uma ruptura militar. Finalmente, o ano de 2022 é marcado pelo início da guerra na Ucrânia, que acrescenta outra dimensão àquelas que já identificamos, que na nossa opinião é fundamentalmente uma ruptura financeira, uma vez que ao sancionar a Rússia em suas capacidades de transação, o Ocidente está acelerando o fim da hegemonia do dólar.

É verdade que este conflito ucraniano parece ser o ponto alto e o culminar de uma série anterior de acontecimentos de ruptura. Além disso, parece condensar de forma dialética todos os momentos de crises anteriores (intelectual, política, econômica, militar) ao mesmo tempo em que constitui um acelerador dramático. Finalmente, esta ruptura financeira, ou melhor, monetária, parece-nos ainda mais profunda do que as outras rupturas analisadas devido ao seu caráter irreversível.

Qualquer que seja o resultado desta guerra, a aposta de Putin já valeu a pena: o já amplamente consumido questionamento da ordem americana e do reinado universal da sua moeda. E nada parece ser capaz de deter este movimento fundamental. Quanto mais os Estados Unidos persistirem nesta guerra, mais o seu crédito, já muito prejudicado, desaparecerá, causando uma rejeição maciça e uma crescente hostilidade antiocidental²⁹, uma vez que a Europa parece firmemente ligada a esta política suicida.

Mas então a questão que surge, se houver um rompimento, é o que acontece depois do rompimento. O que este próximo mundo nos reserva? Teremos que lidar com o mundo multipolar que a Rússia e a China reivindicam ou caminhamos para uma nova bipolarização com um Ocidente empurrado para a periferia do mundo? Para responder a esta questão, gostaríamos de citar estas poucas linhas de Georges-Henri Soutou: *“Para nossos propósitos aqui, o essencial não é a continuação imprevisível dos acontecimentos da guerra na Ucrânia, mas a*

²⁹ Alain Gresh, *op. cit.*

perspectiva de ver o mundo se reorganizar, após o conflito, em dois grandes grupos, um grupo ocidental em torno de Washington e um grupo sino-russo. Se a Rússia marcar pontos os ocidentais se unirão ainda mais em torno dos Estados Unidos. Se falhar, ficarão ainda mais tentados a reforçar os laços com a China e outros países insatisfeitos com a preeminência ocidental, como a Índia.”³⁰

Um fato notável que vai no sentido de um aprofundamento dos dois blocos, em 10 de março de 2023, os dois inimigos jurados do mundo muçulmano, o Irã e a Arábia Saudita, anunciaram o reatamento das suas relações diplomáticas interrompidas desde 2016, sob o discreto patrocínio de Pequim, que há dois anos trabalhava secretamente nas negociações. A China surge assim como um novo interlocutor no Oriente Médio, espaço tradicionalmente ocupado pelos Estados Unidos, que também perdem terreno nesta questão.

Contrariamente a certos receios expressos sobre o mundo posterior, receios que também justificam discursos mais agressivos e simplistas (“a guerra do mundo democrático contra o mundo autocrático”), acreditamos que o reequilíbrio das forças geopolíticas é necessário e acabará por ser lucrativo. A questão não é obviamente o desaparecimento do Ocidente, mas sua regionalização.

A Guerra Fria é talvez um bom modelo para representar o futuro relacionamento entre dois blocos. Este episódio da história, certamente pontuado por suas crises (Berlim em 1948 e 1961, Cuba em 1962) foi basicamente um período de estabilização das relações internacionais e geopolíticas. Prevaleceu uma certa prudência segundo Soutou³¹ e o período se beneficiou de uma dialética Leste-Oeste. Com o fim desta Guerra Fria, o mundo se deixou levar pela embriaguez ocidental da vitória suprema de 1991 e pelo seu delírio universalista. Este Ocidente louco submergiu por três décadas em uma patologia egoísta, fechado em si mesmo e sem bússola.

Vemos, portanto, o reequilíbrio de forças que ocorre diante dos nossos olhos como solução. Não importa se em um futuro próximo o antídoto será bipolar ou multipolar. O que conta é a presença de uma alteridade forte e respeitada. Cria uma dialética absolutamente essencial para manter um bom relacionamento com os outros e, portanto, consigo mesmo. A partir de agora, será necessário lidar com esta vizinhança.

Publicado no [Cf2R](#).

***Yann Marquand** é documentarista e professor, formado em filosofia e história pela Sorbonne.

³⁰ Soutou, G-H, “La grande rupture”, op. cit., p. 13.

³¹ Soutou, G-H, La guerre de cinquante ans, op. cit.